

ESCOLHA LEXICAL E IDEOLOGIA EM BEZERRA DA SILVA

Beatriz Daruj GIL¹

RESUMO A estratégia fundamental do discurso ideológico consiste na auto-apresentação positiva do enunciador e na apresentação negativa dos demais, caracterizando as formas de interação de grupos que possuem visões de mundo opostas. (Van Dijk, 2003a) Entre as propriedades discursivas que são relevantes para o estudo da questão social e investigação do fenômeno ideológico, a seleção lexical é uma das que está mais associada a crenças, atitudes e ideologias dos interlocutores e por isso contribui para a identificação das representações sociais que os membros da sociedade têm das estruturas sociais, o que pode ser visto neste artigo em que se analisa como as escolhas lexicais de Bezerra da Silva na canção *Viúva de seis* e *Vizinha faladeira* constroem a polarização entre o universo masculino e o universo feminino. A análise será realizada com base nos princípios sociocognitivos da Análise crítica do discurso proposta por Van Dijk (2003 a, b) que considera que os modelos mentais subjetivos dos indivíduos, influenciados por elementos da cognição social, definem as visões de mundo que são incorporadas ao pensamento dos grupos e se transformam nas ideologias que são disseminadas pelos discursos.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; ideologia; Análise Crítica do Discurso

Apresentação

A finalidade deste artigo é analisar a escolha lexical como estrutura discursiva responsável pela divulgação de ideologias em canções de Bezerra da Silva. Inicialmente encontram-se fundamentos teóricos e metodológicos que servirão como referência para a análise do fenômeno léxico-semântico. São considerados aspectos do léxico e as orientações propostas por Van Dijk (2003b) para a análise do discurso, especialmente a escolha lexical como propriedade discursiva diretamente relacionada à produção e divulgação de ideologias. O corpus, composto por duas canções interpretadas por Bezerra da Silva – *Viúva de seis* e *Vizinha faladeira*² – é apresentado e contextualizado e, em seguida, os lexemas são analisados com base nos princípios sociocognitivos sugeridos por Van Dijk (2003a).

¹ USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Avenida Professor Luciano Gualberto, 403, 2º andar, sala 4, Cidade Universitária, Cep: 05508-900, São Paulo, SP, Brasil, biagil@usp.br

² As letras das canções *Viúva de seis* e *Vizinha faladeira* foram extraídas do CD *O samba malandro de Bezerra da Silva*, produzido por Sony/BMG, em 2005.

Léxico e ideologia na produção discursiva

Os estudos de Análise Crítica do Discurso procuram analisar o discurso como prática de um sujeito “construído por e construindo os processos discursivos a partir da sua natureza de actor ideológico” (PEDRO,1997, p.20). Observam como a estrutura social pode ser analisada por meio do discurso, com atenção às representações sociais que os membros da sociedade têm das estruturas sociais e à forma como atores sociais no plano local (discurso) encarnam as próprias estruturas sociais.

O estudo dessa relação entre estruturas sociais e discursivas, assim como uma análise crítica do papel do discurso na produção e disseminação de ideologias, só podem ser realizados no micro plano do discurso e das práticas sociais, por meio de propriedades do discurso que sejam relevantes para o estudo da questão social: “es preciso optar y seleccionar para un análisis más pormenorizado aquellas estructuras que sean relevantes para el estudio de una cuestión social”³ (VAN DIJK, 2003b, p.148). As escolhas lexicais, por exemplo, são uma das propriedades do discurso mais fortemente orientadas para a estrutura social e mais relevantes para o estudo dos aspectos sociais da linguagem, pois estão diretamente associadas a crenças, atitudes e ideologias dos interlocutores, o que significa que apontam diretamente para a realidade e para o entendimento de mundo dos enunciadores, podendo revelar estruturas sociais de dominação fundidas nas formas de vida cotidiana por meio dos discursos.

Os significados locais ou significados das unidades lexicais selecionadas estão submetidos aos temas do discurso – assuntos de que trata determinado discurso –, que constituem uma macroestrutura semântica. Resultam das escolhas que os enunciadores realizam a partir de seus modelos mentais, representações pessoais, subjetivas,

³ “Para uma análise mais pormenorizada, é preciso seleccionar aquelas estruturas que sejam relevantes para o estudo de uma questão social”.

construídas com base nos episódios e acontecimentos que geram as experiências cotidianas. Ainda que representem especialmente informações subjetivas e que os indivíduos não dependam cem por cento de suas ideologias, essas representações, contidas nos significados dos lexemas atualizados, podem ser afetadas pela cognição social, pelas crenças coletivas traduzidas na ideologia, de modo que muitos modelos que são inicialmente construídos a partir de experiências individuais são afetados por crenças de caráter social, o que significa que as ideologias – crenças e representações coletivas – possuem força sobre as representações subjetivas e demonstra que os interlocutores do discurso são membros de um grupo que partilha formas de entendimento da realidade. Para Van Dijk (1997,p.108) “tal como não há uma linguagem ‘privada’, também não há, de acordo com a nossa definição, ideologias pessoais”. As mentes não produzem os modelos desconectadas da sociedade. Para adquirir e utilizar essas representações da realidade – crenças e ideologias – são necessários discursos reais e ações sociais, o que caracteriza a ideologia como social e cognitiva. Esses aspectos sociais da ideologia podem ser analisados em um plano local, observando-se os modelos mentais contextuais (participantes, tempo, espaço), e em um plano global, verificando-se os grupos, as organizações e as instituições.

Definidos por origem, religião, idioma, cultura ou determinada crença, esses grupos se reúnem em torno de uma ideologia que defendem, propagam e ensinam por meio de discursos. Dessa forma tem consolidada sua identidade o que facilita a ação conjunta e faz com que o grupo se fortaleça, sinta-se poderoso e superior e produza um discurso que organiza a sociedade de forma polarizada, pondo ênfase nos seus próprios aspectos positivos e nos aspectos negativos do outro (*nós x eles* ou *nós x os outros*). (VAN DIJK, 2003a, p.56-58)

Para explicar a combinação dessas crenças sociais de um grupo com sua expressão no discurso, Van Dijk (2003a, p.57-58) formula um quadrado ideológico que pode ser aplicado à análise de uma estrutura do discurso:

Quadrado ideológico

Por ênfase em nossos aspectos positivos
Pôr ênfase em seus aspectos negativos
Tirar ênfase de nossos aspectos negativos
Tirar ênfase de seus aspectos positivos

Nos atos de comunicação, podem ser observadas estruturas discursivas que enfatizam os aspectos positivos de *nós* (o enunciador ou o grupo que enuncia) e os negativos dos *outros* (o grupo de quem se fala), assim como aquelas que amenizam os aspectos negativos de *nós* e os positivos dos *outros*.

Verifica-se nas próximas seções como essas estruturas discursivas podem ser encontradas no discurso Bezerra da Silva no léxico das canções analisadas.

Contextualização do corpus

Tendo passado por diferentes fases, a partir da década de 30, o samba ganha o nome de *samba malandro*, estilo que tratava de exaltar a postura do sambista malandro em seus temas. Mais tarde, com o desenvolvimento da indústria fonográfica e a difusão da música no rádio, adota a temática amorosa e na melodia ganha novas faces: o samba-canção, o samba-choro e o samba de breque.

No que se refere ao componente temático, passa a abordar três grandes linhas: lírico-amoroso, apologético-nacionalista e malandro. As duas primeiras conduzem o indivíduo a uma visão romântica do mundo e na face malandra manifesta-se sua origem

popular, preenchida de uma consciência da condição dos grupos desprestigiados e enaltecimento da identidade das classes baixas que habitam o morro e os subúrbios e ênfase na sua condição de dominados como revelação da realidade externa ao próprio grupo. (MATOS, 1982, p.45-48)

Matos (1982) compreende que a figura do malandro, que transcende o acontecimento do carnaval, corresponde a essa idéia de fantasia: é o indivíduo das classes populares que cria um personagem por meio de adereços fantasiosos, o lenço no pescoço, o chapéu de palha, por exemplo, buscando colocar-se como alguém respeitado, temido, bem posicionado socialmente: “O malandro enquanto caricatura do burguês representa metaforicamente a fantasia do oprimido ao mesmo tempo que o conflito social do qual ele provém” (MATOS, 1982, p.65). Com a fantasia, o indivíduo marginalizado que quer ser inserido no meio social, aproxima-se desse mundo desejado, carregando, assim, um discurso de seu grupo.

Em suas interpretações musicais, Bezerra da Silva, sambista carioca consagrado a partir da década de 70, consolida a tradição temática da malandragem. Por meio de sua expressão facial e corporal, assim como seu vestuário e sua história de vida, o cantor incorpora a figura do malandro que, para ele, consiste no indivíduo que vive em uma sociedade injusta, mas consegue vencer, passando a ser conhecido como representante e porta-voz dos excluídos.

Sua história de vida é determinante no processo de construção dessa *identidade malandra*. Migrante nordestino, ao chegar ao Rio de Janeiro, Bezerra vai viver no morro do Cantagalo. Após um período de envolvimento com a música, perde o emprego e se desentende com a família, indo morar na rua, onde permanece sete anos em condições ultraprecárias. Um dos momentos dramáticos de sua vida na rua é a fase de

abstinência sexual justificada pelo cantor pela desconfiança nas mulheres e descrença no amor romântico. Além disso, declara que, nesse período, seu estado físico era tão degradante que todas as mulheres se afastavam dele. Mais tarde, ao ingressar na umbanda, Bezerra da Silva é convencido de que, entre outros motivos, a razão de sua vida desafortunada era o tratamento que tinha dado a algumas mulheres que como vingança haviam feito *trabalhos* para ele. (VIANNA, 1999)

Em seu repertório está marcado o samba em sua face malandra – canta a realidade do malandro do morro que, para o compositor, é o indivíduo que sobrevive, com muito esforço, à opressão social e às mazelas da sociedade: “... o trabalhador que consegue sobreviver à exploração capitalista, ao descaso do Estado, à opressão dos policiais e dos traficantes, sem sucumbir, sem virar bandido”. (VIANNA, 1999, p.116) Mas o malandro não é apenas esse indivíduo com clara consciência social; ele é também explorador de mulher, cafetão e cafajeste; o homem que se considera esperto nas relações com as mulheres.

O corpus analisado na próxima seção revela qual é a visão de mulher que esse indivíduo malandro possui e propaga por meio de seu discurso.

Análise do corpus

Para Van Dijk (2003 a, p.58), “el discurso dispone de múltiples procedimientos para poner o quitar énfasis de los significados...”⁴. É com base em um desses procedimentos, a escolha lexical, que se analisa, neste tópico, como o discurso se constrói com base em ideologias opostas, nas canções *Viúva de seis* e *Vizinha faladeira*.

⁴ “o discurso dispõe de vários procedimentos para colocar ou tirar ênfase dos significados...”.

Viúva de seis

Cuidado com essa mulher

que quer se casar outra vez

(tô vendo; eu não quero, não, bicho; comigo não)

ela é viúva de seis e com você será a sétima vez

olha que ela é viúva de um grande açougueiro

e de um dono de banco também

ela é viúva de um general

e de banqueiro de bicho que tem

olha que ela é viúva do dono da funerária

que seu próprio caixão ele fez

e o sexto já está nas paradas

somente esperando chegar sua vez

esse já está no necrotério, malandro

pronto para embarcar

deixando a grana que ganhou na loteca

somente pra ela gastar

ela só pára em mala cheia, gente boa, e de Matarazzo pra lá

olha que o bote da jibóia já está armado

somente pra te ganhar

Isoladamente, o título *Viúva de seis* pode nos remeter à idéia de uma mulher sofredora, o que não se confirma nas seguintes escolhas: *viúva de um grande*

açougueiro, de um dono de banco também, viúva de um general, de um banqueiro de bicho, viúva do dono da funerária, deixando a grana que ganhou na loteca em que se inicia a desqualificação da mulher, feita pelas qualidades e caracterização dos maridos poderosos economicamente e pela condição de *viúva* da mulher, sugerindo que ela se casou apenas por interesse econômico. Algumas *lexias* que se referem especialmente à riqueza do homem reforçam a desqualificação da mulher, enfatizando sua esperteza diante do homem rico: *mala cheia, gente boa, de Matarazzo pra lá e pra te ganhar*, além daquelas que também servem para reforçar a crítica à mulher referindo-se diretamente a ela: *somente pra ela gastar*, em que se comprova que a mulher visa ao dinheiro do homem e *bote da jibóia*, quando se compara a mulher à jibóia, cobra de hábitos pouco pacíficos que costuma dar investidas sobre outros animais, no período noturno, sufocando-os antes de matá-los. O homem é então alertado sobre o perigo que a mulher representa ao querer dar o golpe (*o bote*) quando ele menos espera, sufocando-o ao se casar com ele por interesse.

Confirmando uma relação polarizada, o enunciador masculino apresenta seus aspectos positivos e aparece bem qualificado, o que se pode ver em *cuidado; tô vendo; eu não quero, não; comigo não; olha; somente*. Se a mulher é oportunista, o enunciador é ainda mais esperto porque consegue ver as armadilhas dela (*tô vendo*) e alertar o outro homem sobre os perigos que ela representa (*olha, somente* – referindo-se ao dinheiro ganho pelo homem que será levado pela mulher). Além disso, ele é superior aos outros homens uma vez que não aceita aquela exploração feminina sobre ele: *eu não quero, não e comigo não*.

Por outro lado, há o homem frágil que se submete à mulher e que será também desqualificado, ou seja, o enunciador masculino enfatiza seus aspectos positivos: a esperteza que permite que ele veja que a mulher é perigosa, enfatiza os aspectos

negativos dela - as escolhas matrimoniais baseadas no interesse econômico, e enfatiza também os aspectos negativos dos homens que se casaram com ela, o que pode ser visto em *o sexto já está nas paradas, pronto para embarcar e esse já está no necrotério*, definindo assim um *duplo outro* desqualificado (a mulher e os homens que se submeteram a ela). Enquanto o enunciador é esperto, os outros homens são vítimas da mulher.

As relações de polarização ficam, portanto, definidas nas escolhas lexicais da seguinte maneira:

<p style="text-align: center;">Desqualificação da mulher (ênfase nos aspectos negativos do outro 1)</p>
<p style="text-align: center;">viúva de um grande açougueiro (viúva) de um dono de banco também viúva de um general (viúva) de um banqueiro de bicho viúva do dono da funerária deixando a grana que ganhou na loteca somente pra ela gastar mala cheia gente boa de Matarazzo pra lá bote da jibóia pra te ganhar</p>
<p style="text-align: center;">Desqualificação do homem (ênfase nos aspectos negativos do outro 2 – o duplo outro)</p>

o sexto já está nas paradas

pronto para embarcar

esse já está no necrotério

Qualificação do homem

(ênfase nos aspectos positivos do *nós*)

cuidado

tô vendo

eu não quero, não

comigo não

olha

somente

Essas escolhas lexicais organizam universos opostos protagonizados, por um lado, pela mulher que explora por interesse econômico e o homem que é vítima dela, ambos desqualificados, e, por outro lado, pelo homem que é esperto e por isso qualificado.

O papel de vítima destaca uma posição assumida pelo homem ao longo da história das sociedades: em geral associado à imagem de santo, ele sofre a tentação provocada pela mulher e é ‘fiscado’ por ela – pecadora –, o que justifica o alerta logo no início da canção *cuidado com essa mulher, que quer se casar outra vez*.

Desde os primórdios do pensamento ocidental, a mulher já traz a marca da culpa e da negatividade. Note-se no texto bíblico a responsabilidade de Eva por ela e Adão terem comido a maçã proibida: “Mas...de quem foi a culpa? De Eva, claro, a tentadora sexual, a única fêmea de mamíferos que tem os peitos constantemente intumescidos,

como se estivesse sempre pronta a fazer amor e a corromper o homem, um santo, claro.” (POSADAS, 2001, p. 62-63). Não se cogita a responsabilidade de Adão que, quando inquirido sobre o fato, culpa sua esposa Eva.

A mulher foi ocupando então a posição de subordinação ao marido como um castigo pelo pecado cometido por Eva e, sempre que o homem julga que ela está se desviando dessa posição, sente-se ameaçado, assumindo-se como Adão, a vítima corrompida. Vista como tentadora e exploradora dos bens materiais do marido na canção *Viúva de seis*, a mulher torna-se uma ameaça em uma sociedade construída por homens e para homens: *cuidado com essa mulher*.

Vizinha faladeira

(Saiu cedo pra obra e já tem os outros lá dentro com o pijama que ele nem usou)

A minha vizinha vive de janela
tomando conta da vida dos outros
que morena linda abraçada com velho
que velha mais feia agarrada com broto
que cara tão magro com moça tão gorda
que gordo mais feio com moça tão bela

e o coitado do marido ainda morre de amores por ela

e o coitado do marido ainda morre de amores por ela

ele compra os mais lindos vestidos que existem

e o seu pagamento dá todo pra ela

chega em casa não encontra comida
a pia está suja cheia de panelas
ainda deixa seu filho com outra vizinha
somente pra sambar na quadra da Portela

e o coitado do marido ainda morre de amores por ela

quando ele passa na porta do bar

o comentário é chiado

e mesmo assim lá vai ele

eu nunca vi tanta cara de pau

é a hora em que ela sai de casa

com traje tão lindo e feição muito bela

e o coitado do marido ainda morre de amores por ela

a minha vizinha vive de janela

e o coitado do marido ainda morre de amores por ela

Em *Vizinha faladeira*, o enunciador segue utilizando a estratégia básica do discurso ideológico (VAN DIJK: 2003a, p. 57), ao se auto-representar positivamente e apresentar negativamente *o outro*. Inicialmente a mulher é qualificada como fofqueira em *já tem os outros lá dentro com o pijama que ele nem mesmo usou*, em que se reproduz a conversa de duas mulheres falando sobre uma terceira; *a minha vizinha vive de janela, tomando conta da vida dos outros*, sugerindo que a mulher vive de observar os relacionamentos alheios. A desqualificação continua nas lexias *a pia está suja, cheia de panela; deixa seu filho com outra vizinha; pra sambar na quadra da Portela* que se

referem ao não cumprimento das obrigações tradicionalmente vistas como próprias da mulher. Além de irresponsável com os filhos e descuidada com o marido, deixa de proporcionar uma vida confortável para ele para pensar apenas na sua própria diversão.

No outro pólo está o homem qualificado, aquele que enuncia. *Coitado, ainda, e mesmo assim lá vai ele, eu nunca vi tanta cara de pau* revelam que esse homem é muito esperto, podendo ver tudo de errado que a mulher faz diante do outro homem, o coitado, que, por sua vez, também é desqualificado pelo enunciador masculino, compondo assim o que chamamos anteriormente de *duplo outro* (mulher exploradora e homem vítima): *ainda morre de amores por ela; ele compra os mais lindos vestidos que existem; o seu pagamento dá todo pra ela; chega em casa e não encontra comida; quando ela passa na porta do bar, o comentário é chiado.*

Conforme se pode ver no quadro abaixo, a seleção lexical em *Vizinha faladeira* mostra que, assim como em *Viúva de seis*, há um discurso polarizado em que se põe ênfase em aspectos positivos do homem que enuncia, ao mesmo tempo em que se põe ênfase nos negativos da mulher e do homem fraco, a vítima:

<p style="text-align: center;">Desqualificação da mulher (ênfase nos aspectos negativos do outro 1)</p>
<p style="text-align: center;">já tem os outros lá dentro com o pijama que ele nem usou</p> <p style="text-align: center;">vizinha faladeira</p> <p style="text-align: center;">a minha vizinha vive de janela</p> <p style="text-align: center;">tomando conta da vida dos outros</p> <p style="text-align: center;">a pia está suja, cheia de pratos</p> <p style="text-align: center;">deixa seu filho com outra vizinha</p>

pra sambar na quadra da Portela

Desqualificação do homem

(ênfase nos aspectos negativos do outro 2)

**ainda morre de amores por ela
ele compra os mais lindos vestidos que existem
o seu pagamento dá todo pra ela
chega em casa e não encontra comida
quando ele passa na porta do bar, o comentário é chiado**

Qualificação do homem

(ênfase nos aspectos positivos do nós)

**coitado
ainda
e mesmo assim lá vai ele
eu nunca vi tanta cara de pau**

Considerações finais

Como o léxico é o módulo integrante do sistema da língua mais associado aos recortes culturais dos grupos sociais, a seleção dos lexemas e sua atualização discursiva contribuem bastante para a construção da visão de mundo desses grupos, o que pôde ser visto nas escolhas lexicais das canções *Viúva de seis* e *Vizinha faladeira* que revelam a orientação ideológica do discurso de Bezerra da Silva, ou seja, de acordo com esse

enunciador, há uma polarização entre o homem esperto e a mulher exploradora e também entre o homem esperto e o homem frágil.

Referências bibliográficas

MATOS, Cláudia Neiva de. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

POSADAS, Carmen. *Um veneno chamado amor*. Ensaios sobre paixões, ciúmes e mortes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PEDRO, Emília Ribeiro. (org.) *Análise Crítica do Discurso*. Uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

VAN DIJK, Teun Adrianus . *Ideología y discurso*. Barcelona: Ariel, 2003a.

_____. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato a favor de la diversidad. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. (orgs.) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Tradução de Tomás Fernández Aúz e Beatriz Eguibar. Barcelona: Gedisa, 2003b. p. 143-177.

_____. Semântica do discurso e ideologia. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (org.) *Análise Crítica do Discurso*. Uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

VIANNA, Leticia C. R. *Bezerra da Silva: produto do morro*. Trajetória e obra de um sambista que não é santo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

